



## A IMPORTÂNCIA DAS AÇÕES DAS COLÔNIAS DE PESCADORES PARA A AQUISIÇÃO DE DIREITOS E RECONHECIMENTO DAS ATIVIDADES DAS MULHERES NA PESCA ARTESANAL

**Regina Carmela**

Centro Universitário Serra dos Órgãos  
Professora da Graduação em Psicologia  
[reginacarmela@gmail.com](mailto:reginacarmela@gmail.com) 98896 4025

**Palavras-chave:** gestão sustentável; ecodesenvolvimento; psicossociologia; pesca artesanal; mulheres da pesca.

### 1. INTRODUÇÃO

Desde o advento da modernidade ao atual mundo globalizado, a pesca artesanal tem sido atravessada ao limite pela intensa intervenção e manejo da natureza. Ações destrutivas marcadas por um modelo extrativista, colonial e patriarcal resultaram na ameaça à vida planetária, o que nos posiciona ontológica e epistemologicamente sob o regime de emergência climática. Às mulheres de modo geral e, particularmente, às mulheres pescadoras foram impostos tal modelo de expropriação, dominação e exploração. Sobretudo nos países colonizados houve e ainda ocorre a reprodução instituída de tal estrutura (FEDERICI, 2020; MIES, 1999; KOTHARI et al, 2019; DE LA CADENA, 2018).

À semelhança do que vem acontecendo mundialmente, é crescente o protagonismo das mulheres nos diversos setores do trabalho e da vida social. Movidas pela necessidade e/ou por diferentes movimentos sociais, a luta para a dissolução do patriarcalismo se faz contínua (FEDERICI, 2014).

Este trabalho é parte da tese de doutoramento denominada “A pesca artesanal tem rosto de mulher: lastro de memória em Arraial do Cabo-RJ”, defendida no PPG em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, EICOS- UFRJ, em 2022.

A pesquisa bibliográfica e documental indicou que o padrão colonial/patriarcal se encontra inserido na prática pesqueira, sobretudo no território marítimo e ressaltou a identificação histórica da pesca artesanal com o universo masculino. Contudo há registros que indicam a atuação e crescente protagonismo das mulheres, sobretudo nas atividades pós-desembarque (FAO, 2020; Ministério da Pesca, 2015). Embora seja crescente, essa atuação ainda carece de registro oficial (ALENCAR e PALHETA, 2021). A ausência ou os reduzidos dados resultantes do contexto supracitado, constitui barreira para as mulheres na aquisição da documentação e inscrição no Registro Geral da Pesca.

Diante de um cenário com tantas lacunas (de direitos, de lugar, de reconhecimento, de leis) parece haver pouco conhecimento da ação das mulheres na pesca artesanal, considerando que o seu reconhecimento legal e institucional pode vir a compor com as lutas históricas contra o “apagamento” ou o impedimento do seu lugar na atividade. Neste contexto, faz-se mister

entender a atuação das Colônias de pescadores na luta por direitos e visibilidade das mulheres pescadoras

As Colônias de pescadores são as instituições representantes dos profissionais da pesca artesanal. Um dos seus principais papéis é a promoção e articulação das lutas e da busca de soluções dos problemas que envolvem a atividade pesqueira e o cumprimento legal para que sejam alcançados os benefícios dos trabalhadores da pesca.

A criação das Colônias no Brasil foi idealizada pelo comandante da Marinha Frederico Villar para atender, no contexto da pós primeira guerra mundial, ao projeto de monitoramento da costa brasileira pela Marinha do Brasil. O comandante viajou durante cinco anos (de 1919 a 1924) em missão, a bordo do cruzador José Bonifácio e tinha como meta a criação das colônias de pescadores para representa-los, mas sobretudo para servir de pontos de apoio para a Marinha brasileira sobre as águas. Foram criadas nesse período 800 colônias e aproximadamente cem mil pescadores foram cadastrados (RAMALHO e SANTOS, 2020).

Desde a sua gênese, as Colônias estiveram sob a tutela e subordinadas ao Estado. Ao longo do tempo, seus cargos foram ocupados por representantes das elites e pessoas que não representavam os pescadores, o que resultou em ações fortemente assistencialistas e distantes do objetivo de organização e luta pelos seus direitos. Esse cenário institucional começou a se modificar a partir do surgimento da Pastoral dos Pescadores, na década de 1960 e 1970, o que veio a ampliar a discussão sobre representatividade e direitos trabalhistas. Durante a ditadura, a Pastoral continuou sua contribuição para a organização da categoria até que em 1988, a Constituição Federal declarou a autonomia das Colônias (RAMALHO e SANTOS, 2020). No entanto, em muitos casos se manteve o perfil assistencialista embrenhado historicamente nas ações dirigidas aos pescadores. O descuido e omissão em relação aos objetivos desses grupos na promoção dos vínculos cooperativos para a organização da categoria, objetivados pelas Colônias, somados

aos problemas políticos e institucionais locais, regionais e nacionais favoreceram muitas vezes, o estabelecimento da inconfiabilidade nestas entidades (LIMA, 1992).

A Colônia de Pescadores Z-5 de Arraial do Cabo/RJ é a mais antiga organização institucional da cidade. Foi fundada em 8 de abril de 1921 e reconhecida pela Câmara Municipal de Cabo Frio, de Utilidade Pública, sob Resolução n.º 137 de 05 de setembro de 1975.

Na cidade, à exemplo de outros países, as disputas existentes no setor pesqueiro são em sua maioria provenientes dos rebatimentos do projeto de mundo moderno industrializado, marcado por práticas de expropriação, dominação e exploração dos humanos e não humanos e dos conflitos referentes à gestão dos espaços de pesca e interesses dos diferentes grupos sociais pesqueiros.

O maior desafio da Colônia Z-5, portanto, é o da mediação desses conflitos com a finalidade de unir a categoria, respeitando suas diferenças e anseios, e aproximar cada vez mais a Colônia dos diferentes grupos, de modo que possam juntos encontrar as soluções para os problemas, a partir da prática de uma política do entendimento comum.

Diante desse panorama suscitou-se alguns questionamentos: como as mulheres da região enfocada, a cidade do Arraial do Cabo/RJ, vivenciam o cotidiano da pesca artesanal em seus atravessamentos contemporâneos? Quais vínculos perduram na vida social, econômica e política da mulher nesse contexto da pesca artesanal em relação aos manejos nas organizações locais, sobretudo na Colônia de Pescadores Z-5?

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é discutir a importância das ações das Colônias de Pescadores, particularmente a Colônia Z-5 de Arraial do Cabo/ RJ, para a aquisição de direitos e reconhecimento das atividades das mulheres na pesca artesanal. Para alcançar tal objetivo, são dispostos estudo e metodologia para entender o processo histórico do lugar da mulher na pesca artesanal, filmar em entrevistas mulheres da pesca e representantes da Colônia de pescadores e analisar as narrativas sobre as ações da Colônia

para a aquisição de direitos e reconhecimento das mulheres na atividade pesqueira artesanal.

## 2. METODOLOGIA

No processo histórico da modernidade foram naturalizados modelos coloniais pautados na dominação, entre eles os processos patriarcais discriminatórios que mantêm os temas femininos e suas especificidades encobertos e esmaecidos nas pautas econômicas e sociais. Por isso, no entrecorrer da manutenção e das linhas de fuga das estruturas coloniais hegemônicas, este estudo elege a dimensão das narrativas das mulheres da pesca na busca por compreender e estabelecer relações que nos permitam ressituar, desconstruir e finalmente tecer, o lugar das mulheres no presente e futuro da pesca artesanal.

O contexto apresentado acima e seus objetivos coadunam com o percurso metodológico de cunho qualitativo e exploratório. Qualitativo por abranger a particularidade das narrativas de vida em seu conteúdo tangível, mensurável, por repercutirem o universo subjetivo "dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes" (MINAYO, 2013, p. 20).

O trabalho está posicionado, não apenas nos "contextos sociais vivos", mas por "dentro das relações" como nos sugere Benjamin (2000). Isso se traduz no que Marisol De La Cadena (2018) constatou em sua busca para promover as conexões em sua etnografia: um esforço por escrever "a partir de (e não apenas sobre)" (DE LA CADENA, 2015, p. 28). Nesse caminho, a Psicossociologia e a Antropologia apontaram rumos e âncoras que sustentaram as escolhas metodológicas.

Uma delas, a opção pela pesquisa situada, ou seja, a busca por uma objetividade que reconhece suas limitações e é consciente das possibilidades e das parcialidades dessa localização e dos saberes daí advindos. Ao contrário do relativismo, o conhecimento situado e corporificado nos coloca no lugar da particularidade e não da busca da universalidade. Esses saberes localizáveis e críticos estão amparados nas possíveis redes e conversas

solidárias, tanto políticas quanto éticas a partir do grupo social (HARAWAY, 1995).

No percurso metodológico utilizou-se o audiovisual inspirado na antropologia filmica (FRANCE, 2000) e no fazer do documentário (PENAFRIA, 2009, 2018). A ferramenta do audiovisual conta com a possibilidade de coletar fenômenos e práticas que podem vir a escapar quando não há gravação. Isto pode gerar novas descobertas na observação das mudanças registradas, tais como a atmosfera, as intenções, o relacionamento, os movimentos dos corpos e mudanças no cenário. Tudo ali está vivo e suscetível a variações, e muitas delas somente perceptíveis posteriormente. O processo até a filmagem é feito em etapas, algumas delas simultâneas: conversar, escutar, gravar, revisitar e gravar.

A prática da filmagem é uma prática de pesquisa contextualizada e situada, que utiliza o audiovisual como processo criativo decorrente e inerente ao percurso, sem perder de vista a necessidade da articulação da pesquisa na prática filmica. Há, todo o tempo, o esforço para o equilíbrio e a conciliação entre a documentarista e a pesquisadora. Buscou-se metodologicamente conexões entre a teoria do uso do audiovisual como ferramenta de pesquisa (CHARLESON, 2019; DA-RIN, 2004; TARKOVISKIAEI, 1998; FRANCE 2002), o *videofeedback* (D'ÁVILA, 2008) e as narrativas (BENJAMIN, 1994, 2012) para formar uma constelação que inclua os fundamentos teóricos e conceitos, o conhecimento tácito e a prática da filmagem.

A metodologia proposta considera o audiovisual e as narrativas como os meios para acessar/fluir/criar uma vivência em si no presente, quando o passado ocorreu (BENJAMIN, 1994) e, ao mesmo tempo, a transmissão de suas experiências para as próximas gerações.

Atendendo aos objetivos da pesquisa, além das mulheres atuantes ou que atuaram na atividade pesqueira, foram entrevistados representantes da Colônia de Pescadores Z5, assim como antigos pescadores e lideranças da região.

Metodologicamente, buscou-se, em consonância com Benjamin (2000), a

possibilidade da narrativa produzir uma experiência ao relator e ao ouvinte/leitor. Ao contrário da informação que é exteriorizada, breve e desconectada

A narração não visa, como a informação, a comunicar o puro em-si do acontecido, mas o incorpora na vida do relator, para proporcioná-lo, como experiência, aos que escutam. Assim, no narrado fica a marca do narrador, como a impressão da mão do oleiro sobre o pote de argila. (BENJAMIN, 2000 p. 36)

À vista disso, o momento da entrevista narrativa filmada é por si mesmo uma experiência única, ao mesmo tempo em que se inscreve no filme como uma ferramenta de transmissão. Logo, a entrevista não se propõe a ser uma coleta de dados, ou um protocolo de pesquisa a ser seguido, mas antes disso, um encontro filmado para o compartilhamento e produção de sentidos dos conhecimentos que cada participante traz consigo. A narrativa não está restrita às circunstâncias, isto é, ela "corresponde ao repertório íntimo da pessoa, isolada em todos os sentidos" (BENJAMIN, 2000, p.91). Se houver uma memória, ali ela será conjugada no presente e corporificada.

No processo da pesquisa foram entrevistadas e filmadas quarenta e quatro mulheres da cidade do Arraial do Cabo-RJ que trabalham na atividade pesqueira artesanal, assim como os dirigentes da Colônia de pescadores Z-5. Além disso, foi aplicado um formulário para cinquenta e seis mulheres trabalhadoras da pesca artesanal.

Em coerência com o método das narrativas filmadas utilizado para colher as memórias e vivências das mulheres na pesca artesanal, o procedimento analítico apoiou-se, inicialmente, na proposta elaborada por Bauer (2015); entretanto outras categorias foram combinadas, por entender como os autores acima referidos, que na pesquisa qualitativa os processos analíticos podem ser abertos.

Ao considerar os estudos de Jodelet (2019) e Takeiti et al. (2021) sobre a memória social, a abordagem se deu sob a perspectiva psicossocial na sua inserção e ligação com o grupo e compreensão da prática social da pesca como lugar de memória, afeto, resistência e encontros de epistemologias plurais.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

*A gente sempre teve que lutar. Porque a gente não tem nota a gente esbarra na burocracia. A gente compra o peixe do pescador para filetar, a gente beneficia, mas na Colônia eles não reconhecem a gente. A mulher que pesca consegue a nota, mas a beneficiadora, a artesã e a fileteira não consegue. As artesãs da pesca não conseguem o reconhecimento, embora quem trabalha indiretamente pode ter a carteira. Então agora mudou, a gente tem que ter a nota. Estamos buscando meios para conseguir esse reconhecimento. A mulher, as pescadoras e artesãs, as fileteiras, a gente tem que ter o documento para ser reconhecida.*

(LUCIANA, liderança da APESCARPEGIN, WhatsApp, 2021)

Na Colônia, até o encerramento desta pesquisa, não havia o número exato de mulheres que exerce a atividade no Arraial do Cabo. Os dirigentes salientaram que atualmente há mais pescadoras do que pescadores "invisibilizadas" (usaram esse termo), pois para cadastrá-las é preciso que elas tenham nota fiscal. Eles afirmaram que muitas mulheres ainda continuam com seu trabalho vinculado à atividade dos núcleos familiares. Sobre como a Colônia está atuando eles disseram

*todas que nos procuram, a gente recebe e cadastra. Em 2019, praticamente 40% dos*

*protocolos gerados na Colônia foram de mulheres. São as entidades e associações que na maioria das vezes orientam as mulheres a virem à Colônia. Mas aquelas que não estão associadas ou ligadas às instituições locais nós ainda não conseguimos alcançar.*

(MACIEL, conversa filmada, Colônia dos Pescadores, 2021)

As notas são o meio de identificação de quem está na atividade, mas muitas mulheres não emitem a nota. Portanto, quando a mulher não participa de uma associação ou não emite nota, ela não tem seus direitos reconhecidos, Nido conclui que por isso

*Há necessidade de um trabalho de campo para ampliar a identificação de mulheres que atuam no setor. As famílias trabalham conjuntamente e as esposas não aparecem como profissionais. Os alicerces para essa identificação são as entidades e associações. Essa parceria tem sido fundamental para o fortalecimento da pesca artesanal como um todo em Arraial do Cabo. (NIDO, conversa filmada, Colônia dos Pescadores, 2021)*

Cadastrar as pessoas que são pescadoras para a emissão do Registro Geral da Pesca é um procedimento que cabe à Colônia mediante a apresentação das notas de venda, ou ainda com a presença de testemunhas de dois profissionais da pesca já registrados. Como noticiado em diversos meios de comunicação, no Brasil muitas pessoas obtiveram o registro sem praticar o exercício da atividade para receber os recursos do defeso, os benefícios e compensações ambientais, etc.

Em 2021, o governo federal iniciou o processo de cadastramento e recadastramento do Registro Geral da Pesca, em caráter emergencial, já que não ocorria desde 2013. Segundo Nido

*O desafio é identificar o pescador em atividade porque tem muito espertalhão por aí. No recadastramento dos quase quatro mil pescadores associados à Colônia, por exemplo, apenas mil e tantos comprovaram praticar a pesca. Então fizemos a filtragem. (NIDO, conversa filmada, 2021)*

Sobre novos cadastros, particularmente das mulheres, Nido enviou para o meu WhatsApp (17/03/2022) a cópia de uma minuta, com o seguinte comentário: "estamos avançando". O "dispositivo" como eles denominaram, encontrado pela Colônia de Pescadores, refere-se, principalmente, às atividades de beneficiamento, retirada de mariscos, artesãs e salgadeiras. Na minuta solicitam certificado de "capacidade profissional" das beneficiárias, notas de pesagem do pescado no período de dez meses, ou emissão da nota pela entidade local, tudo isso de acordo com o que diz a lei, para que seja feito o cadastramento no sistema federal. Outra forma é a mulher pertencer à Associação. Ao apresentar a carteira, o cadastramento é realizado. Enviaram a minuta para as principais instituições de mulheres: APESCARPEGIN, Cooperativa das mulheres nativas e Cooperativa Sol, Salga e Arte, para que acrescentassem sugestões. A minuta foi encaminhada às principais lideranças femininas da pesca no Arraial do Cabo: Margareth da Cooperativa da Praia Grande, Cleusinha, da Cooperativa da Prainha e Luciana da Associação de Figueira.

É notório que historicamente as pessoas que trabalham no setor pesqueiro artesanal têm baixa escolaridade; isso não é diferente no Arraial do Cabo (FURG,2018). A baixa escolaridade implica na necessidade de esclarecimento sobre quais são os procedimentos para a obtenção da documentação profissional da pesca. A isso, se sobrepõe a quantidade de órgãos na região que emitem carteiras, são eles: o ICMBIO, a AREMAC, a Colônia e a Associação local. Essas diversas carteiras contribuem para a confusão com o documento do

Registro Geral da Pesca, uma vez que têm finalidades diferentes. O Registro Geral da Pesca (RGP) é emitido pelo Ministério da Agricultura após cadastro na Colônia de Pescadores. É o RGP o documento oficial de profissional da pesca que permite o recebimento de benefícios como o Seguro Desemprego (SD) e a aposentadoria. Sabemos que muitas mulheres continuam trabalhando informalmente, sobretudo aquelas cujos maridos são pescadores. A necessidade de apoio diferenciado para aquelas que trabalham no eixo da pesca a fim de que sejam garantidos seus direitos e sua inclusão faz-se urgente (GIANNELLA e TORRES, 2021), como afirma uma pescadora:

*eu já tentei de várias formas, mas não consigo o RPG, a gente tenta e cada vez é um obstáculo, uma burocracia, um problema, e muitas vezes com a correria do dia-a-dia a gente termina por deixar de lado. (LEIDIANE, em conversa filmada, vídeofeedback, 2021)*

Outra situação é aquela em que as mulheres acreditavam que tinham o RGP, porque possuíam a carteira da associação ou da Colônia. Há situações na região em que a mulher trabalha com o marido na pesca, beneficia e vende o peixe, mas não se vê, não se reconhece como profissional da pesca, como pescadora. Há casos nos distritos de Arraial em que as mulheres pagam o INSS do marido porque se vêm no lugar de ajudante, de parceira. Uma delas me disse: "*tem que ter a parceria né, pra gente crescer juntos.*" Essa parceria acontece no trabalho cotidiano para a manutenção da família, para o pagamento das contas e para a compra do barco. Essa divisão do trabalho, no entanto, não abrange as tarefas domésticas, mas somente aquelas relacionadas ao ganha pão na pesca artesanal. Como nos lembra Diegues (2008) em seu livro "Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar", os mestres de pesca ao se adaptarem às novas condições da Revolução Industrial utilizaram a força do trabalho familiar. Pode-se inferir que, nesta força de trabalho

familiar, as mulheres estiveram e ainda hoje continuam presentes nos afazeres da pesca. Além disso, sendo parceira do marido, a mulher não tem nenhum direito trabalhista, nem aposentadoria, pois não tem o RGP. Ela atua na categoria de "unidade doméstica de produção composta por diversos indivíduos, sendo eles: homens, mulheres, jovens e/ou filhos(as) de pescadores(as), comumente pertencentes ao mesmo núcleo familiar" (RELATÓRIO FURG, 2018).

A impossibilidade de "ser pescadora" ou de embarcar esteve associada, em princípio, ao lugar social da mulher restrito ao espaço do lar, ao cuidado do marido, dos filhos e aos afazeres domésticos (FEDERICI, 2020 E 2014; MIES, 2018). Ao homem cabia o papel de "sair para trabalhar". Os principais argumentos utilizados giravam em torno dos perigos do mar e da proteção à mulher. Essa interdição atravessou as gerações e continua reproduzida nos grupos e nas relações domésticas e sociais.

Nos ensaios de Rua de Mão Única (1987), Benjamin sugere que a memória é o meio para a exploração do passado, é onde se deu a vivência. E prossegue afirmando que quem dedica-se à escavação deve assinalar no presente o lugar no qual é conservado o velho. Vemos assinalado no presente das mulheres da pesca do Arraial evidências das ações advindas e mantidas do patriarcalismo. De acordo com os relatos, tais ações instigam essas mulheres ao enfrentamento dos modelos que interditarão a sua entrada nos barcos e no mar, pois na atualidade os homens reagem à entrada da mulher na água e à prática feminina na atividade da pesca.

Na lida cotidiana, ocorre a estreita relação de interdependência e interação com o ambiente e entre as pessoas. O respeito, colaboração e integração das mulheres parece menos complicado quando estão com seus pais, maridos ou filhos (como no caso da Eliane e da Valdelira), ou quando não integram grupos organizados. Individualmente, se entendem respeitadas pelos pescadores (como a Marluce, Ádina e Bernadete da Praia Grande). Mas no espaço marítimo nem sempre são reconhecidas

e/ou respeitadas (como as mulheres da Cooperativa da Praia Grande).

Em Monte Alto, Lilian recebeu apoio e auxílio dos pescadores na reforma do seu barco. Integrada ao grupo da lagoa é alertada pelos colegas de trabalho caso haja algum problema com o seu barco na praia. Essa ajuda mútua, segundo ela, ocorre na Lagoa de Monte Alto independente de gênero.

Em Figueira parece que ainda não há condições de igualdade para o grupo das mulheres. Elas estão em processo de conquista de seus espaços, tanto como trabalhadoras da pesca, como grupo de mulheres locais. Recentemente foram contempladas em um edital da FUNBIO. Após isso, outras mulheres procuraram se aproximar do grupo. A tendência é que a associação cresça e sua atuação seja estendida para mais mulheres.

Na Praia Grande, nos caícos, Vanilda afirma que tem autonomia e equidade de trabalho na lagoa, seu lugar como pescadora é respeitado, tem seu barco e petrechos de pesca. Marluce, Ádina e Bernadete trabalham cotidianamente na ponta dos caícos, na Praia Grande, dizem que há respeito ao seu trabalho e são reconhecidas pelo grupo dos pescadores dos caícos. Fazem pesca de linha e de puçá. Sentem-se seguras no local e integradas ao grupo dos caícos.

A Cooperativa das Mulheres Nativas foi uma instituição pioneira na conquista do espaço marítimo das mulheres. Ainda hoje não se consideram acolhidas e muitas vezes são desrespeitadas quando estão embarcadas, mas dizem que alguns avanços ocorreram. A Cooperativa Sol, Salga e Arte considera a luta por igualdade e equidade de gênero uma constante cotidiana.

Os objetivos, obstáculos, conquistas e avanços das mulheres do Arraial do Cabo são igualmente atravessados pelos princípios das lutas denominadas feministas, e ainda que elas não se autodenominem feministas, o percurso dos grupos instituídos em cooperativas e no trabalho de cada uma, segue para a busca e conquista da igualdade de gênero no ambiente pesqueiro artesanal.

O posicionamento em busca da igualdade e equidade de gênero se faz presente nos relatos das lideranças e nas reuniões dos grupos, nas diferentes narrativas sobre as barreiras enfrentadas. No rastreamento das suas narrativas pode-se compreender a contínua permanência e ocupação do lugar das mulheres na pesca artesanal. Contudo, foram reunidas as principais dificuldades encontradas por elas em meio à prática da atividade pesqueira

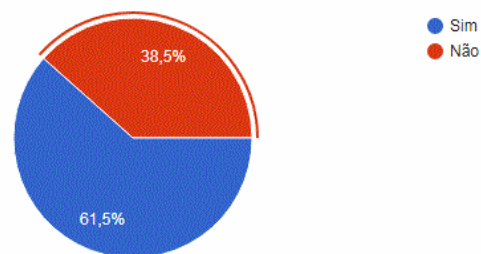
**Quadro 1 - Principais dificuldades**

| <b>Principais problemas das mulheres do Arraial do Cabo</b> |
|---|
| 1º Desafios da atividade (barco, tempo, petrechos)          |
| 2º Discriminação e preconceito                              |
| 3º Nenhum   |
| 4º Conflitos sociais, recursos, fome                        |
| 5º Ser reconhecida  |

Fonte: Autora

Já se sentiu discriminada na atividade por ser mulher?

52 respostas

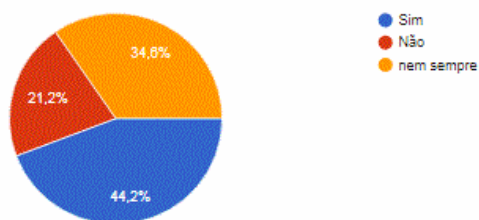


Fonte: autora

Essas mulheres dão continuidade aos modos de vida associados à prática pesqueira e buscam novos e diferentes caminhos para o seu sustento, a partir da pesca artesanal, fundamentadas no conhecimento produzido continuamente nas relações sociais, nas relações com o mar, com a lagoa e/ou com a restinga. Muitas delas atuam concomitantemente nas atividades pós desembarque, na filetagem, no comércio, na produção de artesanato e bijoias.

Tem espaço para dar opinião e falar quando está nos grupos da pesca masculinos

52 respostas



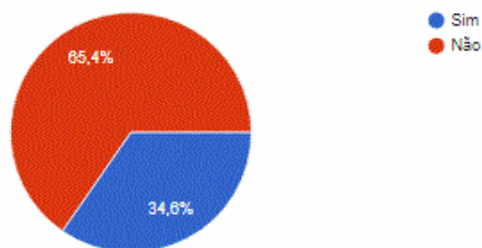
Fonte: autora

O espaço de fala da mulher no ambiente masculino da pesca teve uma afirmação positiva de 44% das mulheres. No entanto, são representativos os 55% somados entre “Não” (21%) e “nem sempre” (34%). Nas narrativas afirmam dos avanços particularmente em reuniões e nos coletivos, mas o machismo estrutural aflora nas relações cotidianas, sobretudo na água, como relatou Zenilda, e nas instituições, como nos contou Luciana.

O processo em andamento dos avanços e conquistas das mulheres na pesca artesanal, cujos capítulos incluem: a) a inserção na lei de que pescador não é apenas aquele que vai para a água, b) a criação de coletivos das mulheres, c) a implementação de metodologias inclusivas de gênero em editais públicos, d) além da ampliação de sua participação nos espaços públicos como os conselhos, Colônias e Cooperativas que ainda não são suficientes para garantir a geração de políticas públicas e mesmo a conscientização do seu próprio papel na atividade pesqueira.

Você tem o documento do Registro Geral da Pesca (RGP)?

52 respostas



Fonte: autora

A maioria das mulheres colaboradoras da pesquisa estão ligadas a um grupo de pesca

artesanal, mas a maioria não possui o RGP. O contraste entre o alto índice de associadas à Colônia, em comparação ao baixo índice da obtenção do RGP é multifatorial. Primeiramente, a emissão esteve suspensa desde 2012, e somente foi reaberta em outubro de 2019, quando houve a emissão de alguns protocolos. Esse tempo é suficiente para justificar a diferença entre os números da Colônia e os do RGP. Contudo, após a reabertura do registro, muitas mulheres ainda não foram registradas. O processo é moroso. Quando perguntadas das razões, são indicados:

1- problemas com a documentação (falta da nota de pescado, carnês vencidos, falta de documentação)

2- o sistema online para inserção no sistema repetidamente "fora do ar".

Por outro lado, a Colônia indica que proporcionalmente ao número de associadas, poucas mulheres compareceram para a realização do cadastro, ou para a sua revalidação. A Colônia promoveu um acordo entre as Associações e Cooperativas de modo que para as associadas e cooperadas das instituições de pesca local basta apresentarem a carteira de associadas ou cooperadas para que a Colônia realize o cadastramento do RGP. Verifica-se que os esforços, tanto das associações, quanto da Colônia ainda não deram conta de superar os distanciamentos históricos das mulheres, das instituições e dos meios para a obtenção de seus direitos trabalhistas. Algumas relatam a distância, outras a dificuldade burocrática, outras ainda, apesar de entenderem a importância do Registro, dizem da dificuldade cotidiana para fazê-lo.

O que se faz necessário é criar conjuntamente, a cada vez, novos mecanismos para a superação desses distanciamentos. No caso da pescadora Valdelira, a sua aposentadoria como profissional da pesca permitiu, garantiu a ela a aposentadoria e uma vida mais tranquila. Disse ela: *"Se não fosse o direito adquirido pelo benefício do RGP, talvez eu estivesse aí fazendo faxinas e trabalhando pesado, até os dias de hoje."*

Infelizmente não é possível quantificar o número de mulheres que não são registradas, já



que os dados institucionais públicos, no que se refere às mulheres, até o momento ainda são imprecisos na região. As causas para a não efetivação do Registro são diversas, entre as principais elencadas pelas mulheres nas entrevistas estão: o não entendimento da importância do registro, o preconceito ainda existente no setor, a baixa escolaridade e até mesmo não se reconhecerem como pescadoras ou mulheres da pesca. Elas entendem a pesca artesanal como elemento cultural, social, de mitigação da fome entre as famílias mais necessitadas, sobrevivência e lugar de dignidade.

Os desafios do tema envolveram em todo o percurso, não perder de vista três principais pontos: 1) as questões histórico-culturais do lugar da mulher na sociedade; 2) o processo de profissionalização e 3) a produção de registros do conjunto de suas práticas, desafios e modos de vida.

#### 4. CONCLUSÃO

Discutir a importância das ações das Colônias de Pescadores, particularmente a Colônia Z-5 de Arraial do Cabo/ RJ, para a aquisição de direitos e reconhecimento das atividades das mulheres na pesca artesanal é fundamental na luta para superação dos estigmas históricos ainda vigentes e na diminuição das limitações na aquisição da documentação. Os representantes da Colônia apontaram ações promovidas para vencer os entraves históricos patriarcais que atravessam a cultura da pesca, bem como a promoção de ações para a inclusão das mulheres tanto oficialmente, quanto institucionalmente. Nesse sentido, estabeleceu com as associações e entidades da pesca, em cada localidade do município, o compromisso de reconhecer as carteiras de associadas como comprovante da atividade para inscrevê-las no RGP. Além disso, enfatiza a necessidade da realização de um trabalho de campo em profundidade para o levantamento daquelas pescadoras que permanecem invisibilizadas pela cultura da “unidade de produção doméstica”.

Consonante a isto evidencia-se os esforços dos dirigentes na direção da superação

dos desafios e limitações impostos às mulheres da pesca e na promoção e articulação das lutas e da busca de soluções dos problemas que envolvem a atividade pesqueira e o cumprimento legal para que sejam alcançados os benefícios dos trabalhadores da pesca.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E. F.; SOUSA, I. S. **Mulheres na gestão de recursos pesqueiros na região do médio Solimões, Amazônia: conservação da biodiversidade, acesso à renda e resiliência da pesca**. Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais, v.4, n.2, p.139-169, 2021.

BAUER, Martin W; GASKELL, George (orgs). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes,2015.

BENJAMIN, Walter. **A Modernidade e os Modernos**. Tradução de Heindrun KriegerMendes da Silva; Arlete de Brito; Tânia Jatobá. Tempo brasileiro: Rio de Janeiro, 2000.

CHARLESON, Diane. **Filmmaking As Research: Screening Memories**. Springer International Publishing, 2020 - 147 páginas.

DA-RIN, Silvio. **Espelho partido: tradição e transformação do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2004.

D’ÁVILA, Maria Inácia. NAZARETH, Luciana. Laboratório de Imagem: Tecendo o desenvolvimento das comunidades e das possibilidades de utilização da imagem em pesquisa participativa. In: **Imaginário e Estética: da arte de fazer psicologia, comunicação e cinema**. Org. Álvaro de Pinheiro Gouveia. Rio de Janeiro: Companhia de Freud: Ed. PUC-Rio: FAPERJ, 2008.

DE LA CADENA, Marisol. BLASER, Mario (orgs.). **A world of many worlds**. Durham: Duke University Press, 2018. E-book. Disponível em: <https://lccn.loc.gov/2018019512>

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Nupaub/USP/CEC. 6ª edição, 2008.

FAO, **Food and Agriculture Organization of the United Nations**. (2014). *The State of World Fisheries and Aquaculture - Opportunities and challenges*. Recuperado de <https://www.fao.org/documents/card/en/c/097d8007-49a4-4d65-88cd-fcaf6a969776>

FEDERICI, Silvia. **Feminismo y alternativas no capitalistas para la reproducción de la vida. Claves para repensar lo común**. In: Territorios en disputa. Despojo capitalista, luchas en defensa de los bienes comunes naturales y alternativas emancipatorias para América Latina. México, D. F.: Bajo Tierra Ediciones, 2014. Entrevista.

FEDERICI, Silvia. **Feminismo y alternativas no capitalistas para la reproducción de la vida. Claves para repensar lo común**. In: Territorios en disputa. Despojo capitalista, luchas en defensa de los bienes comunes naturales y alternativas emancipatorias para América Latina. México, D. F.: Bajo Tierra Ediciones, 2014. Entrevista.

FEDERICI, Silvia. **Na luta para mudar o mundo: mulheres, reprodução e resistência na América Latina**. Luciana Benetti Marques Valio (tradução). *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 28(2): 2020 v.28 n. 2.

FRANCE, Claudine de. **Do filme etnográfico à antropologia filmica**. Campinas, SP: Editora Unicamp. 2000.

GIANNELLA, Leticia de Carvalho; TORRES, Rafael Barsotti de Oliveira Castro. PRACS: **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. ISSN 1984-4352 Macapá, v. 14, n. 3, p. 217-234, out./dez. 2021 acesso: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs>

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>.

JODELET, Denise. & HAAS, Valerie. Mémoires et représentations sociales. In Palmonari, A. Emiliani, F. (Eds.), **Repenser la théorie des représentations sociales**. Paris, Éditions des Archives contemporaines (collection Psychologie du social) (partution fin février), 2019. Disponível: [https://www.researchgate.net/publication/331714710\\_Memoires\\_et\\_representations\\_sociales](https://www.researchgate.net/publication/331714710_Memoires_et_representations_sociales)

KOTHARI, Ashish; SALLEH, Ariel; DEMARIA, Federico; ESCOBAR, Arturo; ACOSTA, Alberto; (Coords). **Pluriverso: Un Diccionario Del Posdesarrollo**. Barcelona: Icaria Editorial, 2019.

LIMA, Patrícia Aparecida Bezerra de Oliveira. **Atividade Pesqueira em Arraial do Cabo: uma Avaliação de sua Importância para a Gestão do Território**. 1992. 203f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio de Janeiro/PPGG. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/16/teses/48723.pdf>

MIES, Maria. **Patriarcado y acumulación a escala mundial**. Traducción : Paula Martín Ponz y Carlos Fernández Guervós. Primera Edición en Inglés por Zed Books: Londres, 1999. Edición: Traficantes de Sueños. 2018.

MINAYO, Maria Cristina. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2013.

PENAFRIA, Manuela. **O Paradigma do Documentário: António Campos, Cineasta**. Covilhã, 2009.

\_\_\_\_\_, Manuela. Algumas questões sobre o documentário e outros tantos equívocos. *Revista Septima*. Entrevista, 2018. Disponível em: <https://septimaes.wordpress.com/2018/02/01/algumas-questoes-sobre-odocumentario-e-outros-tantos-equivocos/>.

RAMALHO C. W. N., & SANTOS, A. P. .Por mares revoltos: a mediação política do Conselho Pastoral dos Pescadores (1968-2018). *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 58(1), e19369158. 2020. <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2020.193691>

TAKEITI, Beatriz., COSTA, Samira Lima, PARDO, Catalina Revollo, GUERRA,

Claudia Tovar;MIRANDA, Cláudia.  
Psicossociologia desde a América Latina.  
**Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 16 (2), São João  
del-Rei, abril-junho de 2021.

TARKOVSKIAEI, Andreaei Arsensevich. 1932-  
1986. **Esculpir o tempo**. [tradução Jefferson Luiz  
Camargo]. - 2- ed. - São Paulo: Martins Fontes. 1998.

Universidade Federal do Rio Grande - FURG  
Instituto de Oceanografia Laboratório de  
Gerenciamento Costeiro. **A realidade dos  
pescadores com base nos fundamentos da  
Educação no Processo de Gestão Ambiental**  
**Relatório 2** Análise sobre as comunidades de  
pescadores artesanais da Região dos Lagos – Rio de  
Janeiro, 2018.  
Acesso:[https://maress.furg.br/images/PROJETOS/IMPACTOSNAPESCA/PUBLICACOES/regiaodoslagos/Relatrio\\_2\\_-\\_Regio\\_dos\\_Lagos.pdf](https://maress.furg.br/images/PROJETOS/IMPACTOSNAPESCA/PUBLICACOES/regiaodoslagos/Relatrio_2_-_Regio_dos_Lagos.pdf)